



VIVA O 1º MAIO

CLASISTA INDEPENDENTE E INTERNACIONALISTA

Abaixo a hiperexploração mundial do trabalho pelo patrão

Toda produção mundial é fruto do trabalho social de todos, que toda produção seja socialmente distribuída sob o controle dos trabalhadores!

PELO FIM DA ESCALA 6X1!

Contra o PL 152/25 que precariza o regime de trabalho por plataformas digitais

O 1º de Maio é uma data de grande importância para o trabalhador. Isto porque é um dia em que se coloca em primeiro plano o fato de que são os trabalhadores que produzem a riqueza social e bens que movem as engrenagens desse sistema onde nós apenas sobrevivemos, cheio de contradições. São os trabalhadores que produzem tudo, mas são impedidos de controlar, planificar a produção e de usufruir do seu próprio trabalho que é tomado (apropriado) pelo patrão de forma privada. Enquanto nós recebemos salários miseráveis. Toda a riqueza produzida não é distribuída socialmente como deveria. Nesse momento de crise do capitalismo, apesar de jornadas exaustivas de trabalho, os salários dão cada vez menos conta do sustento das famílias, não pagam as contas, nos fazendo trabalhar cada vez mais e nos endividar cada vez mais também.

Essa é a essência dos grandes problemas de desigualdades econômicas, sociais e políticas que enfrentamos neste momento histórico da humanidade.

O sistema capitalista aprofundou suas formas de exploração, aumentando as guerras e as crises sociais e econômicas, principalmente no oriente médio, com os ataques dos EUA e Israel, que liquidam os Palestinos na faixa de Gaza, e agora ataca o Irã. O principal motivo dos conflitos são as disputas pelo controle dos preços e extração de recursos como petróleo, minérios e terras raras, bem como os mercados consumidores. As fontes de energia, são a base da produção industrial e por isso movem a economia mundial. Toda essa investida de guerra afeta os diversos países do globo, além de gerar destruição e morte para as massas exploradas e oprimidas através da forma direta das guerras, gerando fome e miséria, ampliando a exploração do trabalho assalariado, do desempregado e do subempregado, desindustrializando, especulando, parasitando através de juros, jogando jovens e adultos para o narcotráfico e a subsistência.

Dentro da lógica destrutiva do capitalismo, nós, os trabalhadores explorados, que pagamos a conta, vemos isso na carência dos alimentos, no rebaixamento dos salários, na perda de direitos trabalhistas, nos regimes de contratação precária e agora no trabalho “uberizado”, trabalho por plataformas digitais, que intitula os trabalhadores como autônomos. Essa “nova forma” de trabalho, de autônomo não tem nada, muito pelo contrário, os trabalhadores são dependentes dessas plataformas que definem o valor a ser cobrado e ainda cobram

taxas altíssimas e não dão nenhuma garantia trabalhista para os trabalhadores de aplicativos, motoristas e entregadores, principalmente. Tramita no parlamento federal o PLP 152/25 para a regulamentação do regime de trabalho por plataformas digitais, mas que não defendeu o protocolo que os trabalhadores por aplicativos apresentaram, retiraram os projetos deles, e decidiram negociar com o partido de direita Republicanos. Se aprovado, o PLP 152/25 será um brutal golpe contra 2,3 milhões de trabalhadores (dados de 2024). 92% dos trabalhadores por aplicativos realizam transporte de passageiros e entregas. No setor, existe ainda um elevado grau de centralização e concentração capitalista. Somente a Uber concentra 900 mil motoristas ativos no país, fazendo do Brasil o segundo maior mercado da empresa, atrás apenas dos EUA. Como se vê, a aprovação do PLP significará um aumento dos lucros das empresas. Assim, enquanto a renda líquida dos motoristas fica entre R\$2.925 e R\$4.756 por mês e dos entregadores entre R\$1.980 e R\$3.039 (renda que se reduz muito ao incorporar gastos de deslocamento, moradia, alimentos, seguros, compra de peças, etc.), os “donos” da plataforma embolsam bilhões ao mês, verdadeiros parasitas do trabalho alheio.

Claramente, enfrentamos um período de mais exploração do trabalho e perda de direitos. Não há um único setor sequer em que as condições de trabalho não tenham piorado, em que os salários não tenham sido rebaixados. Após a reforma trabalhista, os trabalhadores vêm perdendo direitos, aumento da contratação instável nos empregos em que os acordos do patrão ficam acima das leis trabalhistas; estas que foram conquistadas com luta, agora são retiradas para aumentar as taxas de lucros dos patrões, vulnerabilizando ainda mais as condições de vida dos trabalhadores. É importante denunciar também os mais de 2 milhões de casos registrados pelo Ministério do Trabalho em diferentes regiões do país de trabalho escravo ou análogo à escravidão, mantido por empresas de renome que tiveram suas identidades escondidas. A BYD na Bahia, por exemplo, é uma das empresas que vem hiper explorando trabalhadores, emprega milhares e não garante hidratação e alimentação elementar a estes no ambiente de trabalho.

Historicamente o trabalhador sempre teve que lutar por melhores condições de trabalho e salário, porém devemos destacar que hoje temos muito mais recursos e condições, dado o desenvolvimento das forças produtivas e tecnológicas, resultado do esforço do trabalho social de bilhões de pessoas no

mundo e diversas gerações. Não é natural termos um salário-mínimo tão miserável enquanto uma parcela ínfima da população fica bilionária. Esse abismo insuportável que se cria é suportado por nós, e carregamos ele nas costas como se fosse um problema individual, de cada família brasileira e mundial, mas a verdade é que o problema é estrutural.

O que precisamos é juntar nossas forças, lutar juntos por melhores condições de trabalho, porque enfrentamos os mesmos problemas, porque somos hiper explorados coletivamente. Assim devemos dar uma resposta a essa lógica desumana, também de maneira coletiva, devemos organizar com nossos métodos históricos, ou seja, utilizar dos métodos da ação direta coletivamente (greves, piquetes, etc.) e avançar para frentes de luta internacionais, anti-imperialista, contra países como Estados Unidos, países Europeus e Israel que promovem as guerras e destruição em massa, como as que vemos hoje; avançando para superar o capitalismo em decomposição à partir da tomada do poder pelo proletariado..

Os efeitos da guerra no Brasil são principalmente econômicos. Enquanto esses países que chamamos de imperialista disputam entre si sobre a partilha do mundo e o controle da produção, aqui no nosso país tudo fica mais caro e a produção industrial cai, os salários que já não pagavam as contas ficam ainda mais comprometido e o desemprego e o emprego informal, sem garantias, aumentam. O país fica estagnado e cortando gastos de onde não devia, como saúde e educação, por isso, devemos nos organizar contra esse mar de destruição e violência, organizando as greves, as ocupações e os piquetes como temos visto acontecer, com todos os setores da produção, inclusive contra a guerra imperialista que quer destruir para reconstruir o mesmo sistema desigual sobre os destroços de milhões e milhões de vidas e das forças produtivas.

A situação de milhões de brasileiros e em todo mundo se encontram hoje é lutando sozinho para pagar as contas, para educar seus filhos, para manter a saúde de sua família. Precisamos dar uma resposta de conjunto a esse problema, de maneira unificada, pois é nessa união que está a força dos trabalhadores. Por isso o 1º de maio é uma data importante, é um marco histórico que nos permite lembrar da força coletiva e das vitórias, que não foram conquistadas pacificamente, mas que foram unificadas e garantiram jornadas de trabalho menores, melhores salários, estudo para os filhos do proletariado, fim do trabalho infantil etc. A dor da violência individual que sofremos diariamente com o desemprego, o domínio do tráfico que só leva a destruição da juventude, dos acidentes de trabalho, das perdas irreparáveis de milhares de família, das aviltantes formas de opressão contra negros, mulheres e idosos, é o que nos leva a convocar todos a uma luta direta e coletiva dos trabalhadores do país e do mundo contra a destruição provocada pelo capitalismo.

Será dos nossos braços, da união da nossa força, dos trabalhadores e oprimidos, de onde virá a solução para tanta desigualdade e miséria. Precisamos retomar nossa capacidade de união e confiança. Os governos não têm beneficiado a população, claramente beneficiam a classe dominante, ou seja, os

ricos. As formas de enfrentar essa situação, são as ações diretas, as greves, as ocupações os piquetes, somente a luta coletiva será capaz de inverter a lógica destrutiva de privilégios.

Estamos diariamente vendo a luta se erguer, importante citar as ocupações, como a dos indígenas no Pará, esse ano, que realizaram ocupações estratégicas na sede da Funai, em Altamira e no terminal da Cargill em Santarém, protestando contra a privatização de rios, a expansão portuária e o projeto Belo Sun. Essas ocupações dos Tapajós impediram a construção de 8 hidrovias que impactariam diretamente seu território e a natureza, comprometendo a existência de um dos maiores rios do mundo, e de toda fauna e flora que faz parte do ecossistema.

As greves em diversos setores vêm sendo construída por trabalhadores de vários setores, como a dos professores na APEOESP de 2 dias, contra a plataforma da educação, contra as jornadas estafantes nas escolas de período integral, contra o desemprego de mais de 40 mil professores, e contra os salários corroídos pela inflação.

Como a greve dos funcionários e estudantes na USP que começou em 14 de abril e durou 9 dias, motivada por reivindicações de igualdade salarial entre terceirizados, melhores condições de trabalho e aumento de bolsas estudantis. Assim como as mobilizações pelo fim da escala 6x1 que nunca pararam, garantindo que o congresso esteja discutindo a redução da jornada de trabalho depois de quase 40 anos sem esse debate.

Citamos esses movimentos, para destacar duas situações, a primeira é o método da ocupação e da greve, em ambos os casos os lutadores tiveram conquistas, não na proporção que deveriam ter, mas são grandes vitórias se comparado ao que havia sido proposto pela burguesia, ou seja, mostra o caminho que devemos seguir, comprova na realidade que, quando nos organizamos contra determinadas medidas obtemos vitórias.

O que não temos ainda é uma direção para nos fortalecer nessa união, para aglutinar os trabalhadores em defesa das mesmas reivindicações, assim exigimos que os sindicatos e as centrais sindicais estejam a serviço das lutas e da defesa dos trabalhadores incondicionalmente, bem como os movimentos e os partidos de luta que defendem o fim do capitalismo e da exploração do trabalho, pela construção do socialismo.

Este ano destacaremos algumas bandeiras imprescindíveis para a luta neste momento, que unifica os trabalhadores de diferentes categorias:

- 1. Fim da escala 6x1;**
- 2. Pela redução da jornada de trabalho sem redução salarial;**
- 3. Por um salário mínimo vital, que sustente toda a família, que permita que o jovem estude e tenha acesso ao saber e a produção social;**
- 4. Por moradia digna para todos, pelo fim da especulação imobiliária.**

**VIVA TODOS OS TRABALHADORES DO MUNDO,
POR UM 1º MAIO CLASSISTA E INDEPENDENTE!**

FÓRUM DOS SINDICATOS E MOVIMENTOS SOCIAIS DO LITORAL NORTE/SP

